



Noroeste



Noroeste

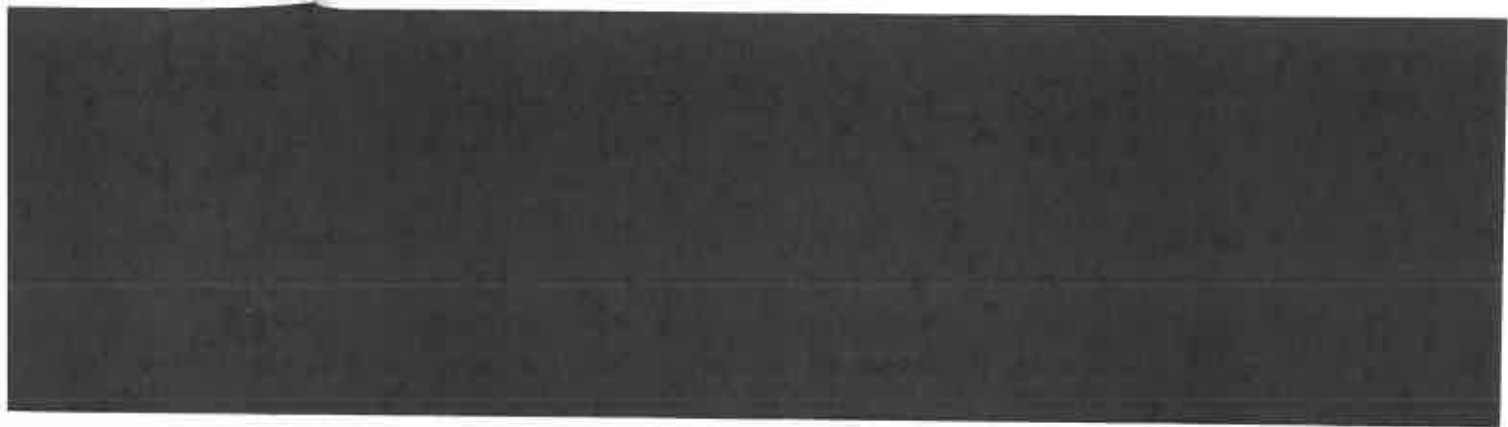


Sudeste



Sudeste

NOTAS DE LEITURA



OLIVEIRA, Eduardo Pires de (texto), SILVA, Libório Manuel (fotografia), *Braga de André Soares*. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico, 2014.

O livro *Braga de André Soares*, da autoria de Eduardo Pires de Oliveira, editado em 2014 pelo Centro Atlântico Ld.ª, em versão bilingue, apresenta 160 páginas, muitas delas ilustradas com fotografias de um profissional credenciado, Libório Manuel Silva.

Convém recordar que Eduardo Pires de Oliveira dedicou largos anos da sua vida a estudar a sua Braga natal, afirmando-se como um profícuo investigador e defensor dos valores patrimoniais. A culminar a sua carreira defendeu em 2012 o doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o tema *André Soares e o Rococó do Minho*, no qual tive a honra de ser arguente.

O fascínio que demonstrou pela figura de André Soares deu-lhe alento e motivou-o largos anos, cumprindo deste modo a sua principal missão: contribuir para a divulgação da vida e obra de um dos maiores criadores do Rococó em Portugal.

A presente obra não só atualiza o estudo pioneiro sobre este artista, da autoria do ilustre estudioso americano Robert Chester Smith (*André Soares. Arquitecto do Minho*, 1973), como fornece um novo olhar, por vezes controverso, sobre uma das figuras incontornáveis do século XVIII português.

No nosso entender, nos meados do século XVIII, na cidade de Braga, sede de uma das três arquidioceses metropolitanas, havia cerca de duas dezenas de profissionais que se dedicavam ao *debuxo* da arquitetura e das artes ornamentais. Alguns eram *oficiais mecânicos*, nomeadamente mestres pedreiros, entalhadores e pintores, que tinham feito uma longa aprendizagem numa oficina. Os outros, então designados por *curiosos*, tinham alguma formação intelectual, sendo maioritariamente clérigos. Quatro nomes devem ser destacados, apresentando-se uma breve abordagem a cada um deles.

Frei Luís de São José, religioso da Ordem de São Bernardo, *eminente em arquitetura*, que trabalhara na corte de D. João V em Lisboa e que veio para Braga integrado na comitiva do arcebispo D. José de Bragança. A ele se deve muito provavelmente a introdução do Rococó em Braga, no ano de 1747, quando concebe o retábulo, já desaparecido, para a capela da Irmandade de São Tomás, sita na igreja da Sé.

André Soares Ribeiro da Silva, clérigo com ordens menores, membro da referida Irmandade de São Tomás na igreja da Sé. Aí tem acesso às inovações trazidas de Lisboa e suportado pelos avultados meios financeiros que a família lhe proporciona, rapidamente se afirma no meio artístico bracarense, chegando a ser tratado por *famoso e curioso na arte da arquitetura* e reconhecendo-se *a ideia singular do seu engenho*. Soube então recriar o *ornato francês, com toda a graça e perfeição e último primor da arte*, inspirando-se diretamente nos tratados e gravuras que chegavam a Lisboa. Duas facetas se distinguem nos retábulos que concebeu,

uma mais conservadora em que se mantém preso a uma estrutura arquitetónica próxima dos valores do Tardobaroco e outra mais interessante em que destrói por completo os elementos compositivos. Já em termos decorativos foi um exímio criador, transitando rapidamente do formulário ainda ligado ao Barroco Final para o reino da graciosidade.

Frei José de Santo António Vilaça, oficial de entalhador competente, que adere à ordem beneditina, trabalhou durante várias décadas não só na arte do entalhe mas também na do *debuxo* de retábulos. Executou obras concebidas por André Soares, por exemplo para o mosteiro de Tibães, mas também disputou com ele a preferência de alguma clientela, chegando a sair vencedor, como ocorreu, em 1766, no concurso para o *risco* do retábulo da capela-mor da igreja da poderosa Irmandade de Santa Cruz de Braga. A sua longevidade permitiu-lhe assistir ao definhamento do Rococó e à gradual hegemonia dos valores tardobarrocos, ocorrência que André Soares foi poupado pela sua morte prematura.

Carlos Luís Ferreira da Cruz Amarante também estava destinado a ser clérigo, acabando por desistir. Ainda muito jovem aderiu ao Rococó, iluminando, em 1763, o frontispício de um *Livro da Receita e da Despesa* do Mosteiro dos Remédios em Braga. De anotar que é neste cenóbio que se executa o primeiro desenho assumidamente Rococó em Braga, datado de 1748. Em 1775, Carlos Amarante chegou a concorrer com Frei Vilaça, tendo contudo sido preterido, pois limitou-se a copiar o primeiro retábulo tardobarroco de Braga. Em 1787 foi o introdutor do Neoclassicismo.

Para terminar, felicitam-se os autores do texto e da fotografia por esta obra que enriquece a História da Arte Portuguesa.

Francisco Lameira